

# *Fronteiras da memória na ficção de Milton Hatoum*

Maria Zilda Ferreira Cury  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

---

O termo fronteira nos remete, no seu sentido dicionarizado, a limite, contorno, separação. Do ponto de vista epistemológico, hoje, muito se fala em derrubada ou diluição de fronteiras, apontando para a transdisciplinaridade que marca a busca atual de conhecimento, sobretudo no campo das Ciências Humanas. Quando se fala em imigrante, imigração, estrangeiro, também a idéia de fronteira – espacial, cultural, lingüística, entre tantas – faz-se sempre presente.

Tomo como ponto de partida para meu texto, trecho de Murilo Mendes, tirado ao poema *O emigrante*, do livro *As metamorfoses*:

A nuvem andante acolhe o pássaro  
Que saiu da estátua de pedra.  
Sou aquela nuvem andante,  
O pássaro e a estátua de pedra. (MENDES, 1994, p. 313)

Como traçar a fronteira entre nuvem, pássaro e pedra? Entre este e a pedra de onde sai?

Recordar é um fato do espírito, mas a memória é um plasma da alma, é sempre criadora, espermática, pois a memorizamos a partir da raiz da espécie. (LIMA, 1988, p. 59)

A fronteira instaura um terceiro, diferente, híbrido, mestiço que indicia uma situação de passagem, evidenciando que o conceito de pertencimento e identidade só se definem pela diferença e alteridade com relação a outros (PESAVENTO, 2001, p. 8). Híbridismo, mestiçagem, diferença, alteridade, fronteira, entrelugar. Conceitos que terão lugar neste meu texto que fala do imigrante e de sua representação na literatura contemporânea.

O imigrante, em si mesmo, já expressa situações de fronteira: a territorial, a simbólica, a identitária e a reflexão sobre sua situação *de fronteira, na fronteira* pode ajudar a apreender conceitualmente realidades importantes do mundo contemporâneo, um mundo em mudança, com fronteiras continuamente redesenhadas e em trânsito. As teorias de nosso tempo vêem no papel das assim chamadas minorias uma possibilidade de contestação da abordagem historicista, linear da nação, fazendo-a escapar do constrangimento territorial e da estereotipia da identidade única e homogênea a que comodamente costumamos nos ancorar enquanto comunidade. Neste começo de século, encontramos-nos num momento de trânsito em que figuras complexas de diferença e alteridade se formam a partir do cruzamento tempo/espço. O *imigrante* e sua língua madrasta, de empréstimo, uma dicção que necessariamente expressa o outro e o mesmo - seus/nossos sonhos, sua/nossa cultura, seu/nosso Imaginário - erige-se como figura singular para conceitualmente captar estes espaços/tempos contemporâneos e o compósito mestiço da *nação*.

A imigração é um prisma de muitas refrações: socioeconômicas, políticas, afetivas e culturais que a transformam em uma realidade movente, somente apreensível por um olhar em trânsito. Os parâmetros tradicionais da cultura considerada como própria, da nação tomada como realidade sem fissuras, são perturbadas pelo imigrante. Ele é o outro, o *de fora*. Mas, é através de sua estranheza que nos colocamos diante da *estranheiridade* que é dele, inerente à sua identidade, mas que é também a nossa já que a busca de uma identidade para ele não pode se dar senão em confronto com a busca da nossa própria, daquilo que nos constitui enquanto comunidade.

O estrangeiro estranhamente nos habita sendo a face oculta de nós mesmos, o espaço que nos arruina enquanto permanência, pois sua *diferença* flagrante - manifesta até à flor da pele, na língua engrolada, nos hábitos diferentes - fala da diferença constitutiva de cada um nós.

Nos últimos anos, tem sido relevante na produção literária brasileira a temática da imigração, em textos que se assumem como vozes construídas deste *entre lugar*, com uma constituição discursiva *em fuga*. Superando a mirada inaugural dos primeiros estrangeiros que aqui aportaram, as imagens de seus filhos e netos constroem-se em direções diversificadas: na contramão da identidade cultural *exótica* que nos foi conferida

pela cultura européia; construindo-se como um subdiscurso que abre rachaduras nos nossos discursos de fundação; inscrevendo-se nas tendências ficcionais mais contemporâneas. As reminiscências, que tão caracteristicamente modulam esses relatos, reforçam seu caráter de invenção, distanciando-se da memória da terra de origem enquanto monumento e universalizando sua proposta ficcional. Pelas frestas e vazios que criam, abre-se espaço para uma fala diferente, que vai adquirindo a forma enunciativa de uma subjetividade literária particularíssima, cuja textualidade enseja classificação e recorte próprios. Tais textos acabam por construir uma enunciação alternativa, resistente à fixidez identitária que de algum modo nos era *imposta* e que se entranhou na própria visão que fazemos de nós mesmos ajudando a estruturar a identidade que acreditamos nos distingue. Assim, se põem em xeque as identidades que nos eram *outorgadas*, exóticas, estereotipadas, mas que são parte, constitutivamente, da visão que fazemos de nós mesmos. Narrativas *nacionais* híbridas convertem o passado nacional *naturalizado* - um tempo e espaço monumentalmente estruturados e para todo o sempre - em um presente histórico deslocável e aberto a novas enunciações (cf. BHABHA, 1998). Outros espaços, outros relatos que fabricam imagens de Brasil - proposital e necessariamente híbridas, mestiças - construindo-se como espaço contraditório para o florescimento da multiplicidade de identidades que caracterizam o mundo contemporâneo. Promovem, pois, uma *desleitura* da identidade nacional, sendo, como diz Bhabha, um cisco no olho impedindo a fixidez do olhar nacionalista. Recuperar estas vozes na série literária brasileira obriga-nos a um rearranjo, a uma negociação entre suas várias identidades.

As palestras que escreveu para serem pronunciadas na Universidade de Harvard registram as qualidades que Italo Calvino percebe na literatura e que seriam os valores que atribui ao novo milênio que se aproximava: visibilidade, leveza, rapidez, exatidão e multiplicidade (CALVINO, 1993). Com a certeza da existência de realidades, de experiências que somente a literatura poderia dar, divisa valores, “propostas” particulares de leitura do discurso literário que, no seu movimento em direção de uma melhor percepção da realidade, apresentam uma experiência com a linguagem. O escritor argentino Ricardo Piglia (PIGLIA, 2001) diz que a sexta proposta - não completada por Calvino, falecido antes de apresentá-la - englobaria o deslocamento e a distância, valores que possibilitariam o espaço para uma enunciação diferenciada, que tomasse distanciamento com relação à palavra do narrador, do enunciador. Seria, em outras palavras, a criação de um espaço para a voz de um outro, para uma outra voz que diz o que, talvez de outro modo, não se poderia dizer. Um lugar de condensação, uma outra cena, uma outra voz que somente como outra pode enunciar-se. A literatura representaria, então, esta possibilidade de espaço de linguagem onde é sempre o outro que vem dizer. E esse outro é o que se faz ouvir como uma forma da experiência.

À luz desta sexta proposta, tomando a distância como observador e deslocando portanto seu olhar, fazendo ouvir outras vozes enunciativas e possibilidades de construção de linguagens, privilegiando outros sujeitos é que se pode ler o trabalho

textual de escritores que trazem à cena a fala do imigrante na literatura contemporânea. Estas vozes de entrelugar, articulando espaços e culturas diversas, se apresentam na sua *singularidade* ao mesmo tempo próxima e distante. Abrem espaço para, com sua estranheza e deslocamento, fazerem ouvir vozes *nativas*, recalcadas, as vozes dos tidos como afásicos culturais.

Milton Hatoum, escritor amazonense, nos seus dois romances - **Relato de um certo oriente** e **Dois irmãos** - desenha em seu espaço ficcional um mapa de traços sinuosos, de linhas entrecruzadas de que se pode perseguir temas os mais variados. No seu espaço ficcional mesclam-se as memórias da infância e a recuperação do espaço amazônico, mediação de múltiplos outros espaços culturais: o religioso, o político, o literário. Tal espaço é habitado por imigrantes, sobretudo por libaneses, misturados aos *nativos* da terra, negociando suas representações identitárias como formas de construção alternativa de enunciações variadas. Aí, como é comum em relatos que enfocam a figura do imigrante, a memória e sua recuperação, sempre ficcionalizada, desempenham função narrativa central.

As epígrafes que abrem os seus dois romances fornecem chaves de leitura para sua ficção. Versos de W.H. Auden principiam **Relato de um certo oriente**: *Shall memory restore/ the steps and the shore,/ The face and the meeting place* (*Possa a memória restaurar/ os passos e a praia,/ a face e o lugar de encontro*) (HATOUM, 1989). O poema remete a uma dimensão importante da obra de Hatoum que trabalha o texto literário como a possibilidade de restauração da memória, rastro-atrás, como a caça que volta em retaguarda sobre as próprias pegadas para simultaneamente recuperá-las, embora sempre despistando o leitor, restaurando o *vivido* vicariamente, pela mediação de muitas outras vozes.

Escrever um texto literário é, de algum modo, dar vazão a um desejo. Não é uma atividade compulsória, mas sim compulsiva, pois inventar uma história parte de uma inquietação, de uma necessidade íntima que a linguagem transforma num microcosmo. (HATOUM, maio 2001, p. 1)

A memória seria, assim, ferramenta conceitual para a compreensão de um mundo sujeito a transformações vertiginosas e *sem dono*, mas que, como quer Calvino, há que ser valorizada enquanto experiência *vivida*. Um dos narradores de **Relato de um certo oriente** explicita sua estratégia narrativa, revelando que seu processo de escrita é a junção frágil de fragmentos, que mimetiza as trilhas imprecisas da memória, misturando os espaços da cidade de Manaus, do Líbano, da casa, mas, sobretudo, de tantos relatos que se amalgamam.

O espaço da memória é, pois, recriado lacunarmente, através da mediação de vozes fragmentadas, imprecisas e conscientes da impossibilidade de recuperação do *vivido*. Os procedimentos ficcionais de composição adotados pelo escritor não dão hegemonia a qualquer voz, fazendo conviver no espaço narrativo memórias de narradores com suas vozes próprias, muitas vezes em desarmonia. Em tal espaço ficcional, a memória se constrói enquanto releitura e *invenção*, ao invés de nos

conduzir ao pretensamente autêntico espaço da origem. *Acho que a memória é viva quando ela trai, quando cria um espaço de hesitação, de oscilação, de dúvida*, nos diz o escritor em entrevista (HATOUM. In: GONÇALVES FILHO, 2000, p. 13). Num tempo como o nosso, *doente da memória*, como diz Huyssen, paradoxalmente um discurso da memória explode como um sintoma de fim de milênio, com suas inevitáveis visões enfáticas de futuro. A literatura contemporânea, talvez como uma resposta a esta crise amnésica, erige-se, em muitas de suas realizações, como este espaço de resistência individual e coletiva.

Seria a escrita da memória, recuperando a sexta proposta elaborada por Piglia, o espaço de enunciação da experiência, mas sempre mediada por uma *outra voz*, construção textual ambigualmente própria e alheia, pessoal e comunitária.

O narrador de **Dois irmãos**, semelhantemente aos versos de Auden que abrem o primeiro livro, tenta reatar os fios frouxos e partidos da vida, lançando mão da imagem truncada de uma praia de rio: *Omissões, lacunas, esquecimento. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio* (HATOUM, 2000, p.91). Este segundo romance é precedido por versos de Drummond, tirados a *Boitempo*: *A casa foi vendida com todas as lembranças/ todos os pesadelos/ todos os pecados cometidos ou em vias de cometer/ a casa foi vendida com seu bater de portas/ com seu vento encanado sua vista do mundo/ seus imponderáveis...*

A casa, com esta conotação, na verdade uma temática recorrente na poesia drummondiana, avulta também em importância na ficção do escritor amazonense, mesclando-se à figura materna, um dos símbolos mais fortes do feminino, imagetivamente restaurando nosso canto no mundo, significando refúgio e proteção no seio materno (cf. CHEVALIER, J. et GEERBBRANT, 1991, p.197). Nesta segunda epígrafe, então, evidencia-se a relação tensa que se estabelece entre o eu lírico e sua casa, metáfora da opressão do passado, do inconsciente. A família, sua tradição o mais das vezes pesada e que mesmo à nossa revelia carregamos pela vida, tão bem expressa por Drummond, também ocupa posição central na ficção do escritor amazonense, confessadamente dando as chaves da gênese de seu texto, ancorado na tradição oral milenar dos narradores das **Mil e uma noites**.

Para Gaston Bachelard, a casa natal está fisicamente inscrita em nós e é a ela que retornamos quando sonhamos ou quando nos empenhamos em redefinir o nosso eixo interior. Mas, como registra o estudioso francês, às noções de proteção, estabilidade e sossego ligadas à casa associam-se também os seus opostos, transformando-a num símbolo contraditório. Recuperada imagetivamente em sonhos e lembranças, ficcionalmente reescrita pelas memórias, é a casa que abriga os nossos devaneios, nossos sonhos mas também o inconsciente, nossos medos e contradições.

**Relato de um certo oriente** constrói-se em torno da matriarca Emilie e de sua casa. A morte da personagem, fonte da vida, revela o avesso das coisas e dos seres e transforma em ruínas a casa, como ruína o são todas as casas que se almeja inutilmente reconstruir com as lembranças que vêm da infância, como o lugar de onde sempre deslocado e que sempre tentamos recuperar. Como ocorre em **Dois irmãos** com a matriarca Zana, também em **Relato de um certo oriente**, Emilie e a casa espelham-se mutuamente. Ambas as

personagens fundem-se aos sentidos mais comuns assumidos pela casa da infância: o feminino, o refúgio e proteção do seio materno, mas também os seus opostos. A ruína das duas personagens espelha-se na ruína de suas casas, mútuo-alimentando-se, confundindo-se no mesmo corpo, no mesmo centro, fixadas como em fotografia.

Em **Dois irmãos**, ao enredo, mesclam-se os fios das lembranças de Domingas, mãe do narrador e empregada, meio escrava. O narrador, marginalizado na família e no âmbito social, persegue sua origem, a identidade do pai, oscilando entre os dois irmãos gêmeos, *os verdadeiros filhos da casa*. Como um Moisés em palácio alheio, indaga-se sobre a origem, sabendo-a de antemão pluralizada, flutuante. O romance retoma os temas clássicos dos gêmeos e da disputa entre irmãos tão trabalhados pela literatura de todas as épocas e que, de resto, têm raízes em mitologias muito antigas, na narrativa bíblica de Caim e Abel, de Esaú e Jacó e em tantas outras. Inscreve-se o romance na tradição literária que atribui ao duplo um peso mítico: o lado sombrio de si mesmo, o Outro desconhecido do Eu, que se transformou na metáfora mais produtiva a definir a fragmentação da modernidade.

Neste espaço de tantas divisões, restam o relato – sobras, fragmentos – e, contraditoriamente, *o quartinho de empregada*, único cômodo a permanecer em pé, ainda que precariamente, depois da destruição da casa. *Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou.* (HATOUM, 2000, p. 244). Ressoam, nas palavras do narrador sobre o seu próprio fazer, sobre o espaço de onde nasce sua escrita/memória, mais uma vez, a voz de Drummond: *Penetra surdamente no reino das palavras./Lá estão os poemas que esperam ser escritos./Estão paralisados, mas não há desespero (...)* (ANDRADE, 1979, p. 160).

As duas narrativas revelam uma geografia variada em que as famílias de imigrantes contracenam com o mundo amazônico. As fronteiras são líquidas, águas que também se mesclam na busca identitária da narradora de **Relato de um certo oriente** e do narrador de **Dois irmãos** no emaranhado de vozes constituintes deste mundo híbrido.

As personagens femininas agenciam nas duas narrativas, com suas vozes fundadoras, visões que colocam em diálogo contraditório a multiplicidade de espaços construídos nos romances: Oriente/Ocidente, casa/floresta, fala/silêncio: mulheres imigrantes, proprietárias, dominadoras e sensuais que formam pares de oposição com personagens exploradas socialmente, caboclas da região do Amazonas, pobres e silenciadas. Através dessas vozes *à revelia*, brechas de enunciação criadas por contradição, a contrapelo das divisões sociais, gotejam, destilam-se as vozes do espaço amazônico, silenciadas pela dominação.

É Emilie quem ensina o árabe ao filho eleito, aquele que lhe está mais próximo e que mais intensamente lhe memora a origem, a terra natal. Para o aprendizado, escolhe, nomeia as partes da casa. A fala sobre a morte de outra matriarca, a bisavó, é que inaugura o ensino da língua oriental. O relato insinua-se no sonho do bisneto-aprendiz, contaminando-o mesmo em vigília, criando outro espaço de distanciamento onde adentram a voz paterna, as miragens do deserto, o vôo do pássaro e os desenhos da caligrafia árabe.

No dia seguinte, a história e o sonho pulsavam no meu pensamento como as águas de dois rios tempestuosos que se misturam para originar um terceiro. Eu me deixava arrastar por essa torrente indômita, pensando também no desenho da caligrafia que lembrava as marcas das asas de um pássaro que rola num espelho de areia, na voz austera do meu pai, mais lúdica do que lúgubre, voz polida e plácida que tentei imitar assim que aprendi o alfabeto e antes mesmo de pronunciar uma única palavra na língua que, embora familiar, soava como a estrangeira das línguas estrangeiras. (HATOUM, 1986, p.50)

É deste entrelugar que o afeto materno fala ao filho numa terceira língua: nem o árabe, língua da mãe imigrante; tampouco o português, posse do filho nascido no Brasil. Uma terceira língua, estranhamente familiar, que *coloca em suspeição/suspensão a possibilidade de dizer-se seja em que língua for, já que a identidade não tem morada, paradoxalmente sendo a casa do ser* (CURY, 2000). Ao mesmo tempo, é ela fonte de vida que abriga e alimenta.

For memory and language are places both of sameness and otherness, dwelling and travelling. Here, Language is the site of return, the warm fabric of a memory, and the insisting call from afar, back home.

(MINH-HA, In: ROBERTSON et al., 1998, p. 10)

A língua vazada pelo afeto materno - linguagem de mama - cria-se com inquietante estranheza a fala do imigrante: voz simultaneamente daqui e de lá, que nesta brecha encontra seu lugar de excêntrica enunciação. *Like language, mother (with small me) retains her secrets and it is through her son that she travels and continues to live on – albeit in fragments.* (MINH-HA, In: ROBERTSON et al., 1998, p. 21).

Yaqub, quando volta do Líbano, tem de re-aprender os nomes do *espaço nacional*. Mas ele foi aprendendo, soletrando, cantando as palavras, até que os sons dos nossos peixes e frutas, todo esse tupi esquecido não embolava mais na sua boca (HATOUM, 2000, p.31). Também aqui é à mãe que cabem os comentários sobre a *perda do filho* através da *perda da língua*, paralelo que se erige no romance na demarcação de outros *afastamentos* definitivos: espacial (o filho vai para o sul do país), afetivo, independência financeira, etc. Veja-se que, na configuração espelhada que em grande parte estrutura o romance e que aqui se dá em contraponto ao romance anterior de Hatoum, trata-se de *desaprender* o árabe para reapropriar-se, não do português, mas do tupi, da linguagem da natureza amazônica.

Nael, o narrador que permanece com a origem desconhecida, inominado quase até o final de *Dois irmãos* e os narradores diversos e alternados de *Relato de um certo oriente*, simultaneamente envolvidos e distanciados, deslocados enquanto mediadores de falas próprias e alheias, criam este lugar de margem propício à enunciação contemporânea de que nos fala Ricardo Piglia.

Todas estas linguagens, partes de dicções fragmentárias que vão se associando em configurações diferentes, trazem à cena dos romances uma *multifonia* nunca apreensível na sua completude. Sobretudo através de suas personagens femininas, de suas dicções tão

próprias e fundadoras, Milton Hatoum compõe em seus textos um canto, tocata e fuga de mil relatos e de outros tantos orientes.

Termino por onde inicei, com o poema de Murilo Mendes:

Nada mais tenho de meu.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Carlos Drummond de Andrade: poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1974.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. da Vulgata e anotada por Pe. Matos Soares. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1955.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CHEVALIER, J. et GEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *De orientes e relatos*. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão, e PEREIRA, Maria Antonieta (Orgs.). **Trocas culturais na América Latina**. Belo Horizonte: Póslit/FALE-UFMG; Nelam/FALE-UFMG, 2000.
- GONÇALVES FILHO, Antonio. *O evangelho de Hatoum*. **Valor**. Fim de semana. 28, 29 e 30 de 2000.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HATOUM, Milton. **Literatura e memória: notas sobre Relato de um certo oriente**. São Paulo: PUC-SP, 1996.
- HATOUM, Milton. **Por que escrevo**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, maio de 2001.
- HATOUM, Milton. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do modernismo**. Trad. Patrícia Farias. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- LAPOUGE, Gilles. *Os arquivos vazios da humanidade*. **O Estado de São Paulo**, 17 mar. 1996.
- MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MINH-HA, Trinh T. *Other than myself/my other self*. In: ROBERTSON, George et al. **Travellers' tales: narratives of home and displacement**. Londres: Routledge, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do milênio*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- PIGLIA, Ricardo. *Una propuesta para el nuevo milênio*. **Margens/Margenes: Caderno de Cultura**. n. 2, out. 2001, Belo Horizonte/Mar del Plata/Buenos Aires.
- RASHI. BÍBLIA/ com comentários de Rashi. Texto em hebraico, com comentários em português. São Paulo: I.U. Trejger, 1993.